



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A BIBLIOTECA VIVA NA FORMAÇÃO DE COMUNICADORES¹

Profa. Dra. Alice Mitika Koshiyama – Departamento de Jornalismo e Editoração da
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA –USP)

RESUMO: A formação de profissionais na área de comunicações exige o desenvolvimento de competências para resolver problemas que envolvem valores, informações e técnicas muito diversificadas. Defendemos o desenvolvimento de um ensino centrado em problemas que os alunos devem resolver com o suporte de dados por eles buscados nos sistemas de informação vigentes. Para isso devem ser pensados processos de aprendizagem apoiados no uso de materiais do acervo de uma biblioteca atualizada, uma biblioteca viva na vida dos alunos e professores.

A noção de biblioteca viva que funcione como um sistema de apoio ao ensino e à aprendizagem exige um acervo multimídia de consulta rápida e acessível.

Relatamos práticas de ensino no Curso de Graduação em Jornalismo da ECA/USP.

Palavras-chave: comunicação, ensino, biblioteca.

1. Vida escolar e bibliotecas

Nossas experiências quotidianas comprovam a afirmação de que sempre estamos em processo de aprendizagem. Muitas vezes as atividades desenvolvidas nas horas de lazer são fundamentais para a aquisição de informações e a fixação de comportamentos essenciais para a viver.

¹ Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

As escolas apenas assumem a tarefa de sistematizar a busca organizada de conhecimentos.

E nesse processo contínuo de aprendizagem, é desejável que o contato com acervos de bibliotecas públicas e privadas seja parte da vida quotidiana e uma fonte de prazer para crianças e adultos.

Lamentavelmente, vemos a transformação da biblioteca em item secundário em grandes complexos escolares.

Em casos mais escabrosos, entidades de ensino montam um cenário de uma suposta biblioteca para a visita dos avaliadores do Ministério da Educação. Estes devem verificar se essas instituições apresentam condições para ter uma autorização de funcionamento legal.

Em outros locais, temos bibliotecas instaladas e equipadas. Mas alguns dos seus usuários ali comparecem apenas como se fossem a um depósito procurar produtos. Outros danificam os equipamentos e materiais de consulta, e em alguns praticam roubos. A própria Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo já realizou exposições mostrando os danos causados no acervo pelo mau uso de alguns usuários.

Temos que lutar para que todos usuários adotem práticas corretas no uso das bibliotecas. É preciso valorizá-las como parte de um sistema de informação, imprescindível para o ensino de novos valores em relação ao processo de aquisição de conhecimentos. Em uma cultura em que há tantas informações disponíveis, a formação dos comunicadores exige um conhecimento sobre como usar bibliotecas. Desejamos que o reconhecimento da sua importância deixe de ser apenas formal ou no máximo instrumental.

Pensamos em uma biblioteca viva e animada pela movimentação do acervo pelos leitores com suas perspectivas individualizadas na leitura dos textos.

No modo de ler sem objetivos definidos, em ações exploratórias que todos os apreciadores da cultura realizam.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ou, em ações de leituras feitas com objetivos definidos, propostas no âmbito das disciplinas dos cursos. Nessas atividades escolares aprendemos a interrogar os textos, resumi-los, reescrevê-los, citá-los, relacioná-los, contextualizá-los, contestá-los, refutá-los, corrigi-los, adaptá-los aos diversos meios de comunicação.

Enfim, temos de ir muito além dos comandos do programa de computador word: copiar, recortar, colar.

A propósito, em alguns casos, os leitores executam a função rasgar o livro para possivelmente colar a informação em suas pretensas pesquisas, conforme constatamos na consulta de obras de algumas bibliotecas.

Verificamos que o uso de bibliotecas contribui para formar comunicadores competentes, relacionando-o à questão da formação dos jornalistas. Esclarecemos que o nosso texto é uma perspectiva de quem usa bibliotecas e não a visão de pesquisadores científicos da área de biblioteconomia. E ousamos pensar que a idéia da biblioteca viva está disseminada na prática cultural dos verdadeiros mestres de todas as épocas.

2. Jornalismo e Competência

Nas várias situações em que se debate a formação de novos jornalistas, profissionais experimentados no mercado de trabalho destacam a importância de uma ótima formação decorrente do contato com textos clássicos da literatura universal. Um bom profissional deve ser um leitor de bons textos ao longo de sua vida. E deve integrá-los à sua atividade diária.

Um outro aspecto destacado pelos profissionais mais respeitados é a questão do comportamento ético na profissão. A repetida frase de Cláudio Abramo “a ética do jornalista é a ética do cidadão” obriga-nos examinar a dimensão social do trabalho jornalístico.

Ao exercer seu trabalho, o jornalista vale-se das técnicas específicas de sua profissão, mas as conseqüências dos seus atos vinculam-se a fatores conjunturais. Por isso diz-se



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

que os valores que norteiam suas ações devem ser os de um ser responsável, preocupado com os efeitos da divulgação dos fatos na vida dos seus leitores e, em alguns casos, na vida de suas fontes de informação.

O saber técnico é parte de sua qualificação profissional que se conjuga ao saber ético para formar um profissional competente. Pensamos na competência profissional como a soma da técnica com a moral.

Portanto, para nós, um jornalista que atua segundo os mais acertados critérios técnicos e com aprovação do seu público, mas cujo trabalho destrói a vida de pessoas honradas, é um desqualificado moral. É parecido com um possuidor do saber médico que criminosamente usa sua ciência para ferir ou matar pessoas.

Assim uma associação profissional de jornalistas pode até propor um código de ética específico. Mas ele será sempre um código insuficiente para atender a todos as situações do trabalho profissional, quando o jornalista sempre deverá agir como um cidadão.

O pressuposto de que a ética é sempre parte da ação profissional obriga-nos a reconhecer a complexidade da formação para ser jornalista. O saber do jornalista é sempre um saber a serviço dos outros, a quem ele irá beneficiar ou prejudicar na maior parte das situações.

Desse modo, a formação para ser jornalista deve desenvolver a capacidade de avaliar rapidamente as conseqüências dos seus atos profissionais e realizar o seu trabalho com autonomia e independência, mesmo sob intensas pressões.

Evidentemente nenhuma formação, acadêmica ou não, conseguirá anular opções de vida moralmente incorretas.

3. Formações escolares

A idéia de um ensino voltado para a formação do discente implica em um investimento no desenvolvimento das capacidades e dos interesses de cada aluno, nos limites possíveis de cada disciplina ministrada no curso de Jornalismo.

Informações e técnicas podem ser desenvolvidas no âmbito de cada disciplina.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Mas há uma formação de comportamentos e uma aquisição de valores que devem ser desenvolvidos em todos os espaços dos cursos de comunicações.

Comportamentos e valores integram a formação do profissional como um ser no mercado de trabalho e um cidadão com obrigações e deveres para o desenvolvimento da sociedade.

As aulas que ministramos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo nos desafiam a examinar permanentemente o nosso trabalho como professora. Em uma das disciplinas ministradas, recebemos alunos calouros de todo o país e alguns do exterior. Parte deles chegam com um forte condicionamento do treinamento dado pelos cursinhos preparatórios ao vestibular da universidade. É então necessário um período do curso para que os alunos auto-avaliem suas formas de estudar e aprender.

Relatamos alguns fatos ocorridos em 2002, com alguns alunos do período noturno. Inicialmente achavam que todas as suas tarefas deveriam ser completamente programadas e supervisionadas pela professora.

Assim, o primeiro seminário em grupo da disciplina Fundamentos Teóricos da História não foi feito no dia marcado no cronograma da disciplina. O motivo alegado: o livro não estava na Biblioteca da ECA/USP, e ela nem tinha a publicação no acervo.

Como é que a professora não reservou o livro para os alunos?

Como é que se programa um livro que não está disponível?

Como é que a professora desobedece ao procedimento padrão de deixar os textos para estudos reservados no serviço de reprografia?

Como é que a biblioteca de nossa escola não tem um livro que vamos usar em um seminário?

Apesar disso, alguns alunos ficaram muito constrangidos e se desculparam por não fazerem a lição de casa. Foi-lhes explicado que o trabalho era deles, que deveriam aproveitar a oportunidade para aprender com os acontecimentos e deixar as lamentações de lado.

Fizemos um debate e conversamos em classe sobre o acontecido.

Examinamos algumas formas de aprender e refletimos sobre modos de ler textos.

Avaliamos os graus de submissão e autonomia que buscamos no consumo de textos que



nos são impostos na vida cotidiana, principalmente na exposição aos meios de comunicação de massas.

Os dois grupos seguintes apresentaram desempenhos de leituras de textos muito heterogêneas dos seus membros e demonstraram as dificuldades normais em trabalhar juntos, quando não acostumados a fazê-lo.

Continuamos conversando com os alunos e procuramos construir um processo de críticas para os trabalhos apresentados visando melhorá-los. Foi necessário destacar que as avaliações eram para os resultados apresentados e nunca referentes às pessoas dos alunos.

O seminário seguinte mostrou uma coesão dos alunos nas leituras, nos resumos de textos e na apresentação para a classe.

E percebemos os alunos de outros grupos assumindo as suas atividades com mais iniciativa na busca de outras informações e no uso dos equipamentos para apresentação da obra, no diálogo com os colegas de classe.

Na organização de seminários, as opiniões individuais são valorizadas, ao lado do esforço para apresentar uma síntese da obra sem desfigurá-la. É um exercício para ser objetivo preservando-se a subjetividade de cada leitura.

Organizamos o processo do curso pensando a aprendizagem como uma necessidade contínua e permanente para o trabalho e para o exercício da cidadania de modo competente.

Questionamos escolas que endeusam a tecnologia como a nova fonte do saber. Elas ocultam o fator essencial para a busca do conhecimento nas escolas: a construção de projetos didáticos por professores e alunos apoiados na idéia de uma aprendizagem que mobilize todo o seu potencial para estudar.

4. Distorções escolares

É um projeto difícil organizar cursos que investem na mudança de valores.

Experiências escolares para massas de alunos trabalham com perspectivas que resultam na construção de padrões de comportamentos escolares que transformam a



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

aprendizagem em execução de tarefas. Há algumas situações conjunturais que incentivam a adoção de projetos de estudos que funcionam como um treinamento para um combate ou uma representação teatral.

Observemos a preparação de alunos para passar nos exames vestibulares das universidades. Normalmente entregam-se inteiramente a um programa de atividades determinado pelos professores dos cursinhos, que assumem a direção da situação, como sábios portadores das chaves do conhecimento necessário para a situação. Cabe aos professores decidir o que fazer: ditar o curso, comandar todos os momentos da ação, decidir o tom, o ritmo, os ruídos e os silêncios. Porque alunos e professores conhecem seus objetivos e assumem escrupulosamente seus papéis no processo de treinamento para vencer nas provas.

O oposto dos cursinhos acontece em algumas salas de ensino da rede pública de ensino no país. Há a aceitação tácita da incapacidade de alguns alunos para aprender o que está programado no currículo como um fato aceitável, quando se dissocia a promoção escolar para a série seguinte da aprendizagem real dos conteúdos propostos na série anterior. Na rede pública do ensino fundamental (1^a. a 4^a. série) e ensino médio (5^a. a 8^a. série) acontece promoção automática nas 4 séries de cada ciclo. Houve uma mudança de padrões: antes passar de ano atestava a aprendizagem de conteúdos; no atual processo, passar de ano atesta a passagem do aluno pela instituição escolar e não necessariamente seu bom desempenho nas disciplinas curriculares.

No entanto, esses desencontros no sistema escolar não representam a totalidade de situações. A Revista *Nova ESCOLA*, publicada pela Editora Abril, incentiva o ensino e mostra exemplos de competência dos trabalhos de professores da 1^a. a 8^a. série. Com suas reportagens, demonstra que, no ensino, a liderança dos professores é decisiva para o desenvolvimento dos alunos em todas as dimensões da sua vida. Juntos, professores e alunos com suas comunidades, conseguem construir projetos desafiadores, apresentam resultados surpreendentes nos seus trabalhos e valorizam a multiplicidade de fontes de informações, inclusive as reunidas em bibliotecas. Mas é uma luta para que as exceções se transformem em regra.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Em outras situações de trabalho, no ensino superior, o professor não consegue organizar e orientar adequadamente a aprendizagem.

A legitimidade e a importância do seu trabalho é torpedeada pelo sistema de ensino dominante.

Em alguns cursos do ensino superior, vemos professores que atuam ministrando suas aulas para classes imensas, com uns poucos ouvintes atentos e uma turba barulhenta e apática. Ou há os que atuam em classes pequenas mas desinteressadas no estudo. Ouço professores meus amigos, que atuam em algumas escolas de comunicação da rede privada de ensino, declarando-se desolados pela reação de parte dos alunos, que afirmam detestar a leitura de textos como parte da aprendizagem.

Por mais que preparem suas aulas e organizem atividades para envolver seus alunos, enfrentam a realidade de escolas caça-níqueis, que admitem todos os alunos que se disponham a pagar o curso.

Estes, por sua vez, nem sempre desejam algo mais do que um diploma de curso superior e desqualificam o trabalho de muitos professores esforçados e competentes. Ou então estão totalmente despreparados para acompanhar um curso superior e não se organizam para exigir um padrão de ensino que os habilitem a aproveitar melhor seu curso.

Por exemplo: Um curso de comunicações, em que a maioria dos professores tem constatado a deficiência de conhecimentos fundamentais de língua portuguesa dos seus alunos, deveria completar a formação deles oferecendo o conhecimento que falta. É uma tarefa da coordenação pedagógica do curso, atenta às necessidades básicas para a formação dos alunos.

Temos de reconhecer que há casos de pessoas incompetentes que assumem responsabilidades nos cursos de comunicações.

5. A permanência da biblioteca viva



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O olhar para o presente e o futuro nos motivou a refletir porque achamos a biblioteca viva imprescindível no processo de ensino, na formação de jornalistas, na construção de valores que orientam profissionais e cidadãos.

Voltando ao passado, revivemos os caminhos percorridos com o apoio dos cultores da biblioteca viva, e alguns deles lembramos a seguir.

Fragmentos da Formação Escolar

A memória de minha formação pessoal e humana está ligada ao mundo dos livros. Na infância, a partir dos três anos, meu pai abriu-me o maravilhoso mundo das obras literárias. Ele trazia livros japoneses para crianças, emprestados do acervo particular do filho do dono da empresa em que trabalhava. Eu podia folhear o material com desenhos coloridos e deslumbrantes e esperava a hora da leitura, depois da volta do trabalho ele lia uma página por dia ao menos, antes de dormir. Era frustrante, porque eu sempre queria saber mais e tinha de esperar o dia seguinte para descobrir o resto da história. Havia também sessões de contar o conteúdo de obras lidas por ele em japonês de autores clássicos da literatura, textos tirados do *Guengi Monogatari*, haicais de poetas samurais e contos de Akutagawa. Inclusive traduções japonesas da obra do romancista francês Victor Hugo, *Les Misérables*, Fábulas de Esopo por La Fontaine e obras de Alexandre Dumas surgiam nas conversas. As obras de Julio Verne, nas quais destacava suas previsões sobre o futuro da humanidade, eram muito lembradas.

Um personagem de destaque nas conversas era Takeuti sensei (sensei significa professor em japonês), o professor dele do curso primário, que dizia: “o homem vai explorar o universo e conhecer outros planetas, a ciência vai achar respostas para os mistérios da vida.”

Tudo isso e muito mais fizeram de mim uma criança ávida por entrar na escola e aprender a ler e poder então, ir diretamente aos textos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

No antigo curso ginásial, freqüentado no Colégio Estadual Infante D. Henrique da Vila Matilde, na capital do Estado de São Paulo, tive contato com vários professores que praticavam o conceito de biblioteca viva.

Lembro freqüentemente de alguns deles. A diretora, a professora de educação física, Aydil Mansur, que conseguiu erguer uma quadra de esportes e uma biblioteca para uso dos alunos, e fazia questão de prestigiar as atividades de todos. O professor de geografia, Bernardo Vasconcelos, que organizava sessões para alunos apresentarem aulas de um tema ou provas em que se podia ler o livro e criar perguntas para o conteúdo conhecido. Tudo isso para mostrar que o conhecimento é resultado de um trabalho de pessoas interessadas em buscar soluções para suas dúvidas e que sem questionamentos tudo fica como está.

Ou o professor de história, Joaquim Roma, que apresentava um tema como a reforma protestante e dava uma série de livros para serem consultados em bibliotecas da cidade pelos alunos organizados em grupos. O resultado da busca era apresentado para a classe e analisado pelo professor e aprendia-se que o maniqueísmo e as respostas mitológicas ou mistificadoras da propaganda política e religiosa não valiam.

Nos dois últimos anos do curso colegial, ao freqüentar o Colégio Estadual Nossa Senhora da Penha, na capital do Estado de São Paulo, aconteceram outras experiências. O professor José Chalita ministrava história e sempre conseguia conversar com os alunos sobre a vida cotidiana, o trabalho e a conjuntura histórica, era 1965 e 1966. Tinha uma forma crítica de usar um manual de História da Civilização de E. M. Burns. Os tópicos eram completados com informações dele e outras indicações de leitura. O professor de francês, Mario Argentino, dava um curso em que todos tinham de ler obras dos mais significativos autores da cultura francesa, de uma biblioteca circulante que ele organizou para uso da classe, coletando uma contribuição de cada um em dinheiro. A base de leituras integrava aprendizagem ao lado dos ditados, versões, traduções, conversações e gramática.

Na universidade, foram muitos os estímulos de professores.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Destaco alguns deles dos primeiros anos da Escola de Comunicações e Artes, no curso de graduação.

A professora Lupe Cotrim, poetisa e leitora, ao ministrar um curso sobre pensamento filosófico contemporâneo, apresentava questões que estimulavam muitas conversas entre alunos e mergulhos pelos acervos das bibliotecas disponíveis na cidade.

Preocupado com a falta de material bibliográfico para estudos de jornalismo e editoração, o professor José Marques de Melo se desdobrava para reunir textos de interesse para a área e estimular a formação de um acervo bibliográfico na biblioteca que se iniciava na então Escola de Comunicações Culturais da Universidade de São Paulo.

Uma visão rica e multifacetada da história da cultura e da comunicação só foi possível porque o Professor Virgílio Noya Pinto propunha a leitura em grupo de clássicos da literatura mundial para o estudo dos contextos históricos.

No curso de graduação em História da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo cumpri todo um programa de trabalhos que dependiam de leituras. Tenho lembranças do desafio que foi o estudo de obras clássicas da historiografia.

Registro o estímulo de professores como Fernando Novais, um leitor exigente, irônico mas humano com os iniciantes esforçados, nos seminários de apresentação de obras do curso de História Moderna e Contemporânea.

Mestres-aprendizes

A vida profissional de professora foi sem dúvida sempre alimentada pelos exemplos do passado de estudante. E aprende-se que as bibliotecas, esses centros organizados para difundir informações, para terem vida dependem de seus frequentadores. Professores e alunos podem ser estimulados por projetos didáticos desafiadores.

Como nos demonstrou o sempre mestre, e no momento psicanalista, Rubem Alves, ao tratar do desafio da educação para transformação social, “lendo e conversando podemos mudar o mundo.”



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Ele destacou o prazer da leitura comentando o texto de Roland Barthes. Lembrou que o prazer é a fonte da aprendizagem e interpretou a atração para o mal, que é exercida pelos textos sedutores da publicidade, como os anúncios dos cigarros Marlboro na televisão.

Refletiu como as pessoas vivem, trocam idéias e procuram realizar seus sonhos.

E definiu a missão dos professores que é propor e organizar os sonhos das pessoas.

Demonstrou que as leituras oferecem inspiração e conhecimentos. *A Bíblia Sagrada*, os haicais de Bashô, os versos de Carlos Drummond de Andrade e muito mais ... Lembrou das grandes obras de arte, dos filmes magníficos, enfim de tudo o que pode alimentar as mentes e corações dos seres humanos.

E lembrou de pessoas queridas porque constroem o mundo em paz, como o prefeito de Campinas em 2001, o Toninho, que tinha sonhos e queria torná-los realidade e foi impedido porque morreu assassinado.

No encantamento pelas palavras e no viver do prazer do texto permanecem brilhando dois cultores da biblioteca viva: o singelo contador de histórias de minha infância, meu pai, e o filósofo poético humanista Rubem Alves, ele que semeou esperanças nos corações dos seus ouvintes reunidos no SESC Santos, no fim de tarde do dia 17 de maio de 2002.

São dois incansáveis leitores. O primeiro é meu introdutor ao mundo mágico dos textos. E o último é o inspirador de uma memória do passado -- do passado presente de livros, escolas e pessoas -- que permanecem comigo construindo sonhos ou ajudando a organizá-los.

6. Bibliografia mínima

ABRAMO, Cláudio. *A Regra do Jogo: o Jornalismo e a Ética do Marceneiro*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

ALVES, Rubem. Conversa sobre o tema: o professor, um organizador de sonhos, dia 17 de maio de 2002, no Congresso Educação e Transformação Social, auditório do SESC/SP, Santos, das 17 às 18,30 horas.

BOCCHINI, Maria Otília. Formação de redatores para a produção de textos acessíveis a leitores pouco proficientes. São Paulo, 1994. Tese de doutorado. Escola de Comunicações e Artes USP.

Revista *Nova ESCOLA*, São Paulo, Editora Abril, 2001-2002.